

Saberes e práticas relacionadas ao manejo da diversidade agrícola e biológica no litoral norte do Rio Grande do Sul

Knowledge and practices related to agricultural and biological diversity management on the northern coast of Rio Grande do Sul

BASSI, Joana Braun (Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Rural Sustentável e Mata Atlântica/ Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul- DESMA/PGDR/UFRGS), joaninhabassi@yahoo.com.br; TERME, Carolina Michelon (DESMA/PGDR/UFRGS), dulcefarniente66@yahoo.es; RAMOS, Mariana (DESMA/PGDR/UFRGS), mariana_avati@yahoo.com.br; LUZ, Lidiane Fernandes da (DESMA/PGDR/UFRGS), lidianefernandezdalus@yahoo.com.br; DE CARLI, Ana Paula (DESMA/PGDR/UFRGS), anapaulapinta@yahoo.com.br; KUBO, Rumi (DESMA/PGDR/UFRGS), rumikubo2002@yahoo.com.br

Resumo

Apresentamos os resultados parciais de um trabalho de documentação realizado com agricultores familiares na região de Maquiné. O município se estende entre as encostas atlânticas e a planície costeira do RS, acompanhando o rio de mesmo nome. Propomos a descrição dos sistemas agrícolas locais, ressaltando as dimensões do tempo vivido, dos tempos narrados e dos lugares transformados. Região de reconhecida diversidade biológica, estando inserida na Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, buscamos ao longo deste trabalho de pesquisa e documentação, iniciado em 2008, estudar as perspectivas dos agricultores sobre os significados desta diversidade, a partir da etnobiologia. Abordamos aqui a proposta de elaboração de um calendário agrícola e do mato, construído a partir de desenhos e do registro fotográfico de práticas locais, gerando um material de valorização e difusão dos conhecimentos locais e ao mesmo tempo um instrumento metodológico.

Palavras-chave: Mata Atlântica no RS, agrobiodiversidade, agricultura familiar

Abstract

We present the partial results of a documentation work done with farmers in the region of Maquiné. The city extends between the Atlantic slopes and the coastal plain of the RS, along the river of the same name. We propose the description of local farming systems, emphasizing the dimensions of time lived, the time counted and places changed. Recognized area of biological diversity, being included in the Biosphere Reserve of the Atlantic Forest. We work throughout the research and documentation, which started in 2008, studying the prospects of farmers on the meanings of diversity, from the ethnobiology. We address here the proposal for establishment of an agricultural and forest calendar, built from drawings and photographs of local practices, creating a material recovery and dissemination of local knowledge, while a methodological tool.

Keywords: Atlantic Forest, agrobiodiversity, agriculture

Introdução

A *Etnobiologia*, campo teórico/metodológico desta pesquisa, estuda o modo como grupos humanos apropriam-se intelectual e materialmente dos recursos naturais, compreendendo a inter-relação entre os mundos natural, simbólico e social (POSEY, 1987). Em sua condição híbrida, provê a transição e integração entre diferentes campos do conhecimento, propondo-se a dissolver dicotomias expressas entre natural e o social e diluir a tendência de purificação dos objetos em domínios disciplinares fragmentados. Assim, em equipe interdisciplinar, viemos realizando a

Resumos do VI CBA e II CLAA

documentação de práticas culturais tradicionais relacionadas à roça e ao mato, através do projeto “Agricultura, alimentação e artesanato no Litoral Norte do RS: registro e identificação de saberes e práticas entre agricultores familiares”. Trazemos aos objetivos deste trabalho a descrição dos sistemas agrícolas locais e a discussão sobre sua representação em um calendário temático. Dialogamos com a abordagem de “sistema agrícola” proposta por Emperaire et al. (2008), compreendido como “o complexo de saberes, práticas e relações sociais que atua na roça, ou mesmo na floresta, e vai até os alimentos e seus modos de consumo em diversos contextos da vida social”. Temos buscado ao longo deste projeto melhor compreender e analisar as perspectivas dos agricultores nas relações com o ambiente, atentas às diversidades de formas de percepção, intervenção e apropriação dos espaços manejados, das plantas coletadas e cultivadas, das formas de transformação dos produtos agrícolas e dos sistemas alimentares (EMPERAIRE et al., 2008). Na perspectiva analítica do trabalho ora proposto, tendo como foco as dinâmicas de conhecimentos constitutivos dos sistemas agrícolas, propomo-nos apreender alguns elementos dos saberes e práticas mobilizados no manejo da mata e da roça, na perspectiva de compreender as especificidades do ser agricultor a partir de seus modos de significar, classificar e gerir a diversidade agrícola e biológica.

O contexto de trabalho, predominantemente o município de Maquiné, localizado entre as encostas da Serra Geral e a planície costeira, se insere no cenário das políticas conservacionistas globais. Esta reconhecida biodiversidade encontra-se aliada à grande diversidade cultural, resultante do convívio de descendentes de imigrantes europeus, escravos africanos e povos indígenas, que ao longo do tempo construíram estratégias próprias de apropriação do espaço e que, somadas à conjuntura sócio-política regional, condicionam a diversidade de sistemas agrícolas implementados pelos agricultores locais. Desse modo, além dos aspectos de valorização cultural destes sistemas, atentamos para a preservação da diversidade biológica, de saberes e das práticas associados, em uma perspectiva de reconhecimento e apoio ao patrimônio biocultural (EMPERAIRE, 2006).

Metodologia

O trabalho se configura pelo viés da pesquisa aliada à extensão. A partir de técnicas diversificadas - observação direta, entrevistas abertas e semi-estruturadas, diários de campo, registro fotográfico e áudio-visual da vida cotidiana - e em perspectiva etnográfica, se objetiva acessar o conjunto de saberes e práticas mobilizados no manejo da mata e da roça, os modos de perceber e se utilizar da terra, as diversidades de formas de significação e apropriação dos espaços manejados e das plantas coletadas e cultivadas, paralelamente com atividades de extensão e compartilhamento dos conhecimentos captados, como estratégias de coleta de dados e intervenção complementares e pautado por dinâmicas participativas. Reunimos algumas práticas relacionadas ao manejo da mata e da roça em um “calendário agrícola e da mata”, representando o modo como o tempo/clima são expressos e vividos através da apreensão de diversos elementos da natureza. A escolha pela representação gráfica dos tempos e vidas que nos aproximamos, busca ressaltar a relação de complementaridade apresentados pelos espaços mata/roça/pátio: a mata é ponto de partida para construção de qualquer espaço da propriedade. Opõem-se à roça ao mesmo tempo em que mantém uma estreita relação com ela; é transformado em terra de trabalho pela queimada, sob a forma de chão para a roça (WOORTMANN e WOORTMANN, 1997).

Resultados e discussão

Vimos documentando que dentro do espaço da roça, o feijão (variedades preto, amendoim, carioquinha), o aipim e o milho (variedades crioulas, híbridas ou “encastigadas”) são gêneros indispensáveis, plantados preferencialmente na época “do cedo” (minguante de primavera). Entre agricultores que cultivam uma diversidade de sementes, há a preocupação de manter as características de cada variedade, sem haver contaminação genética ou “encastigamento” das sementes, como é popularmente falado. Para evitar o “encastigamento” os agricultores têm

Resumos do VI CBA e II CLAA

diversas estratégias, sendo uma delas o plantio em diferentes épocas ou em locais bastante distantes (como fazem, por exemplo, com as sementes de milho cunha, uma das variedades crioulas encontradas na região). Entretanto, conforme relato de alguns agricultores, atualmente são poucas as sementes de milho cunha puro (cujas variedades são chamadas de 8 carreiro, palha rocha e taquara). Algumas roças, ainda, são diversificadas com abóbora, moranga, amendoim, bata-doce e hortaliças. Nos arredores da casa, há criação de animais, como galinhas e porcos e, em menor escala, gado para leite e corte. No pátio, espaço que acopla descanso, trabalho e alimento, podemos encontrar muitas frutíferas cultivadas, como laranjeira, bergamoteira, limoeiro, pessegueiro, pitangueira, ameixeira, mamoeiro, abacateiro, caquizeiro, pereira, bananeira, e mais raramente (e talvez por isso, motivo de orgulho) mangueiras. O consumo de frutas é um dos elementos que demonstram como as famílias rurais observam a passagem do tempo, privilegiando em seu cardápio cotidiano o tempo das coisas. É da produção de seu próprio pomar ou através da circulação de presentes (como uma sacola de caqui, outra de abacate) que as famílias garantem seu consumo de frutas, bastante diversificada, durante todo o ano. Esta “circulação de alimentos” (MARQUES et al., 2007) reforça laços de parentesco, vizinhança, amizade, constituindo um dos elementos de grande importância nas relações sociais no mundo rural. Ao caminhar em mata fechada é possível encontrar pés de abacateiro ou até mesmo parreiras de uva, evidenciando o passado populoso nesse espaço rural que hoje possui baixa densidade demográfica. A diversidade da produção agrícola reflete também um mais-valor do ser agricultor, comumente expresso pelas famílias ao relatarem a qualidade de sua produção para o autoconsumo, um dos elementos de destaque na construção da identidade de agricultor. Das ferramentas para uso “na lida”, o “saraquá” para plantar grãos, o “mangual” para bater feijão, a gaiola ou “mondeo” para caçar aves e tatu, os balaios e cestos de taquara e cipó para colheita na roça, o debulhador de milho para produzir quirera e alimentar os bichos e o abanador para o feijão depois de batido, além do facão, machado, serrote e traçador, se encontra um rico inventário da cultura material local, que pode traduzir histórias e as diferentes paisagens conformadas ao longo dos tempos. O domínio da mata é concebido como matriz da paisagem e do trabalho, de onde partem e por onde chegam bichos, sementes, recursos e plantas. Áreas de mata para queimada, extrativismo de recursos vegetais e caça são atentamente reconhecidas pelos agricultores. Também abrigam entes das histórias locais, como a “mãe do ouro” e o “gigante do mato”. A “mãe do ouro” manifesta-se por meio de uma bola de fogo em alguns pontos aleatórios da mata; o “gigante do mato” parece surpreender aqueles que superexploram seus recursos, especialmente a caça. Muitos autores têm demonstrado que os mitos codificam relações ecológicas intrincadas entre o mundo natural e o humano, evidenciando a maneira como as inter-relações ecológicas são percebidas (Posey, 1987). Apresentamos um quadro preliminar para construção do calendário.

Resumos do VI CBA e II CLAA

Verão	Outono	Inverno	Primavera
<ul style="list-style-type: none"> • Queimada e plantio <i>do tarde</i>: milho híbrido, feijão preto e de cor; • Colheita do milho verde (do cunha, híbrido e de cor), feijão preto e de cor, moranga, abóbora; • Colheita do milho seco e moagem para produção da farinha; • Frutas cultivadas: melão, melancia, pêssego, ameixa. • Frutas do mato: ingá, maracujá, juçara; • Colheita da uva e feitura do vinho; • Época de reprodução dos bichos do mato (tatu, paca, quati); • Extração do mel de abelhas nativas; • Época boa para engordar animais domésticos 	<ul style="list-style-type: none"> • Início do cultivo de inverno: alho, cebola, batata e verduras em geral (cenoura, alface, beterraba, brócolis); • Colheita da cana-de-açúcar; • Colheita do amendoim; • Frutas cultivadas e/ou do mato: caqui, ananás, quaresmeira, paulazão, pinhão, cítricos; • Podas em geral (antes da brotação), amarração de parreiras produção de mudas; • Colheita de aipim, batata doce (época em que o aipim fica macio); • Produção da farinha de mandioca; • Início da época de caça. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cultivo de inverno (continuação); • Podas e amarrações de parreiras (continuação); • Preparo da terra para plantio <i>do cedo</i>; • Agosto: se quente, início do plantio <i>do cedo</i>; • Frutas cultivadas e/ou do mato: abacate, ingá-bugio, bacupari, tajuva, cítricos; • Colheita de verduras; • Época em que o mel não é tirado (escassez de alimento); • Corte de cipó e madeira (esta época garante a maior durabilidade); • Época de carrear os animais para feitura da banha 	<ul style="list-style-type: none"> • Queimada e plantio <i>do cedo</i>, de setembro a novembro (milho cunha, híbrido, de cor, feijão preto e de cor, moranga, abóbora, aipim, amendoim); • Fim da época de caça: ritos de corte dos animais do mato, acasalamento e início da procriação; • Frutas do mato e/ou cultivadas: jabuticaba, pitanga, araçá (mirtáceas em geral), cítricos; • Extração do mel de abelhas nativas; • Assim como nos animais do mato, esta é a época preferencial para acasalamento dos animais de criação (gado, ovelha, porco, cavalo).

Conclusões

O estudo das variedades de saberes e práticas relacionadas à expressiva diversidade biológica e cultural do contexto em estudo, em uma perspectiva etnobiológica, expõe outras formas de compreender o ambiente, assim como de agir sobre ele e transformá-lo. O conhecimento e apropriação desses agricultores dos espaços do mato e da roça e as formas como modelam, dão contornos aos sistemas agrícolas. Embora percebido o interesse de muitos agricultores pela produção agrícola diversificada, outrora tal diversidade representava maior garantia de segurança alimentar e autonomia para estas comunidades, o que é explicitado pela atual necessidade da compra de sementes híbridas em armazéns locais para a continuidade da atividade agrícola por parte de muitos agricultores. Elementos como o avanço da agricultura convencional, mudanças dos hábitos alimentares, migração dos jovens para as cidades, ameaçam tanto a diversidade agrícola, quanto as condições culturais e técnicas de sua produção (SANTILLI et al., 2006). Neste sentido, em face das transformações do meio rural, faz-se necessário um olhar mais acurado para as mudanças dos modos de vida do ser agricultor, assim como a forma como tais transformações interferem na conservação local da diversidade agrícola e biológica (AMOROZO,

Resumos do VI CBA e II CLAA

2006). As assimetrias entre as práticas agrícolas elaboradas pelos agricultores familiares e os processos de institucionalização das regulamentações do Estado - ambientais, fundiárias, agrícolas, sanitárias - motiva a entender e contextualizar os saberes e práticas destes agricultores no sentido de propiciar uma ótica ampliada e estratégica dessas assimetrias, engendrando possíveis formas de considerar seus saberes e práticas em políticas locais de desenvolvimento. Nesse sentido, a elaboração de um calendário agrícola e da mata local, é uma estratégia de valorizar esses conhecimentos e fortalecer a circulação, constituindo um instrumento interessante para, por exemplo, trabalhos de educação ambiental e alimentar.

Referências

AMOROZO, M.C.M. A dimensão temporal da conservação da agrobiodiversidade por agricultores de subsistência – algumas considerações preliminares sobre um estudo de caso. In: KUBO, R et al. (Orgs.). *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*. Recife: NUPPEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006.

EMPERAIRE, L. Histórias de plantas, histórias de vida: uma abordagem integrada da diversidade agrícola tradicional na Amazônia. In: KUBO, R. et al. (Orgs.). *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*. Recife: NUPPEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006.

EMPERAIRE, L., VETHEM, L. V. OLIVEIRA, A. G. Patrimônio cultural imaterial e sistema agrícola: o manejo da diversidade agrícola no médio Rio Negro Amazonas. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 26., 2008.

MARQUES, F.C. et al. Circulação de alimentos: dádiva, sociabilidade e identidade. In: MENASCHE, R. (Org.). *A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari*. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 154-176.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro, B. G. (org). *Suma Etnológica Brasileira* (edição atualizada do Handbook of south american indians)- Etnobiologia. FINEP, vol. 1. 1987.

SANTILLI, J.; EMPERAIRE, L. A agrobiodiversidade e os direitos dos agricultores indígenas tradicionais. In: KUBO, R et al. (Orgs.). *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*. Recife: NUPPEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006.

WOORTMANN, F. E. e WOORTMANN, K. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.